



**A organização do movimento grevista em *Germinal*:
algumas considerações histórico políticas**

Júlio Ernesto Oliveira¹

Resumo

Por meio de uma análise do filme *Germinal* (Claude Berri, 1993), em comparação com o romance (Émile Zola, 1885), buscamos compreender de que maneira a organização do movimento grevista é evidenciada no enredo, refletindo-se sobre as concepções revolucionárias manifestas, e contextualizando essas tendências em seu tempo.

Palavras-chave: *Germinal*. Émile Zola. Claude Berri. Movimento grevista.

Résumé

À travers d'une analyse du film *Germinal* (Claude Berri, 1993), en comparaison avec le roman (Émile Zola, 1885), nous recherchons comprendre de quelle manière l'organisation du mouvement de grève est manifest dans l'intrigue, se reflétant sur les conceptions révolutionnaires manifestes et contextualisant ces tendances dans leurs temps.

Mots-clés: *Germinal*. Émile Zola. Claude Berri. Mouvement de grève.

Adaptação do romance *Germinal*, de Émile Zola (1885), o filme (Claude Berri, 1993) – com título homônimo – apresenta em seu enredo o processo de construção de uma greve dos trabalhadores mineiros do norte da França, durante o século XIX, em prol de melhores condições de vida e trabalho. O autor do romance, intelectual francês, idealizador e principal expoente do naturalismo,² Émile Zola, teve em sua trajetória um elevado grau de engajamento político, manifesto em seu

1 Graduando em História pela Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Ditaduras e Contemporaneidades (UFBA/CNPq). Orientado pela Prof.^a Dra. Lina Aras. Contato: julio.ernesto@outlook.com.br.

2 Para um olhar mais específico sobre a trajetória de Émile Zola e sua atuação movimento literário naturalista francês, cf. CARVALHO, 2011.



artigo *J'accuse...!*, de 13 de janeiro de 1898, no qual denunciou o antisemitismo praticado pelo governo francês.

Anterior a isso, fruto de uma experiência de “metodologia participativa” de dois meses realizada junto aos trabalhadores mineiros franceses, o romance *Germinal* “elevou a estética e a descrição naturalistas a um novo patamar de realismo e crueza” (WIKIPÉDIA, 2017), pois, a partir desse, “a descrição experimental ganha contornos ainda mais fortes pela denúncia da opressão social e da paralisação moral da humanidade” (CARVALHO, *op. cit.*, p. 114). De fato, a obra de Zola trouxe à tona outra compreensão de *práxis*, no que tange à atuação intelectual, ao distinguir *observador* de *experimentador*:

[...] o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define os pontos de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. Trata-se quase sempre de uma experiência “para ver”, como a designa Claude Bernard. O romancista sai em busca de uma verdade. (ZOLA, 1995, p. 36)

Experiência similar teve Friedrich Engels (1820-1895), que partira em novembro de 1842 à Manchester (Inglaterra) para estagiar na empresa de que sua família era associada, a *Ermen & Engels*. Durante 21 meses ele viveu entre os trabalhadores ingleses no labor diário, experienciando suas realidades e coletando dados de caráter sociológico. Essa experiência foi primordial para que ele escrevesse a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2010), publicada em 1845, e considerada um marco nas análises sociológicas dos proletários ingleses, no furor de sua industrialização. As experiências intelectuais de Zola e Engels, observa-se, foram determinantes para suas compreensões sobre os proletários franceses e ingleses, durante o século XIX.

Já o autor da versão fílmica de *Germinal* (*Germinal*, 1993), Claude Berri (1934-2009), é considerado entre seus pares como um dos melhores e mais sensíveis cineastas franceses da contemporaneidade. Foi presidente da Cinemateca Francesa (2017), entre 2003 e 2007, dirigiu filmes históricos, a exemplo de *Uranus* (*A Era de Uranus*, 1990) e *Lucie Aubrac* (*Lucie Aubrac – Um Amor em Tempo de Guerra*, 1996), e sua obra cinematográfica consiste em 24 filmes, afora os que ele produziu ou atuou. Em 1994, *Germinal* foi premiado pelo *César de melhor filme* como *Melhor filme francês do ano* (ALLOCINE, 2017), ocupando desde então as principais galerias francesas da sétima arte.



O enredo do filme se desenvolve em torno da experiência grevista dos trabalhadores mineiros de carvão no norte da França, durante o final do século XIX. O agenciamento histórico presente revela não só o papel político dos proletários no processo de desenvolvimento tecnológico e industrial europeu, como também o posicionamento do autor da obra (Émile Zola) no tocante à organização social do trabalho durante o período. Relevando duas linhas teóricas distintas, o marxismo e o anarquismo, o filme aponta os conflitos inerentes entre as duas formas de organização política, de modo que se desenvolvem, antagonicamente, estratégias de combate à burguesia, dominante dos meios de produção.

Por meio da ingerência do sujeito político individualizado, o trabalhador migrante que experienciou formas de organização política em trabalhos pretéritos, Zola abre um campo de visão para pensarmos o papel do indivíduo na História. Em outras palavras, ao utilizar o indivíduo Étienne como marco político no processo organizacional dos trabalhadores de sua obra, Zola dialoga com a perspectiva de que o indivíduo, em momentos historicamente definidos, pode conduzir a massa. Nesse caso, não necessariamente, se obterá sucesso em torno da pauta política, pois, para isso, a construção coletiva torna-se requisito indispensável na definição das estratégias rumo ao processo revolucionário.

E é justamente no tocante às estratégias que o embate pela condução do processo se alinha mais antagonicamente. O indivíduo Étienne, com evidentes concepções revolucionárias, ora é tomado pela perspectiva marxista, quando postula a necessária união proletária e a luta de classes, em prol de uma consciência de classe e da derrocada dos patrões, ora é imbuído de uma compreensão com vertentes sutilmente anarquistas, quando demanda a tomada do poder pelo povo. "Trabalhadores do mundo, uni-vos!" (ENGELS; MARX, 1848), assim postula, remetendo-nos à Marx, e objetivando a organização dos trabalhadores com vistas à revolução. Ainda assim, é perceptível uma negação da ideia de ruptura estrutural abrupta, de modo que passemos a vê-lo dotado de ideais reformistas, sobretudo quando de seu diálogo com Suvarin, personagem anarquista do enredo. Este, de forma bastante caricaturada, advoga pela ideia da anarquia total, da terra queimada pelo fogo, e da reconstrução a partir do zero. Questionado sobre essa reestruturação social após a anarquia geral, ele admite a inexistência de uma ideia *a posteriori*. Ou seja, por meio desse artifício, reconhece-se a concepção de Zola sobre os anarquistas: indivíduos privados de um projeto político-social, ou seja, de um ideal à ser alcançado, para além da derrocada do Estado.

Por último, temos a figura do personagem Rasseneur. Semelhante à Étienne, não apresenta uma orientação política tão bem viesada, dialogando tanto



com a social-democracia (por meio da perspectiva reformista), quanto com o marxismo (quando apregoa pela união política dos trabalhadores e pela luta de classes). Além disso, guardadas as devidas proporções, é demonstrativo de suas falas certo centralismo burocrático em torno do sindicato e da figura do trabalhador sindicalizado. Rasseneur evidencia a necessidade de uma gradualidade na tomada do poder, passando pela sindicalização, consciência de classe e, finalmente, a revolução. Seria este a personificação do militante burocratizado?

De todo modo, ao vermos a função da experiência grevista na obra, seja na mudança das perspectivas sociais dos partícipes, ou ainda, na correlação de forças entre vertentes teóricas distintas na condução do processo político, podemos identificar uma evidente associação do autor às ideias socialistas. Ficou manifesto que, concebendo a sociedade do período como “não suficientemente preparada” para uma mudança estrutural, Zola quis demonstrar a falta de fundamentos políticos do anarquismo, ou melhor, do anarquista como sujeito político. Num primeiro momento, caricatura-o, e em seguida, demonstra a falta de responsabilidade social desse tipo de militante, que encerra o filme com a efetivação de uma catástrofe na mina de carvão. Esta desaba após uma sabotagem promovida por esse indivíduo, e por meio da dor, isto é, da morte de inúmeros trabalhadores, reestabelece-se a “harmonia” entre as classes, esfria-se o caldo político e acomoda-se os trabalhadores remanescentes.

Finalmente, postulamos pela importância do debate/embate político para a compreensão das diferentes vertentes de atuação revolucionária, todavia, enxergamos como insuficiente a experiência anarquista evidenciada no enredo para uma análise mais acurada de seus preceitos teóricos. De qualquer modo, constituiu-se como obra cinematográfica obrigatória nos debates sobre marxismo, social-democracia e anarquismo (este de forma comparativa com outra análise), especialmente em espaços de militância, e evidentemente, a obra – escrita – vale-se de modo mais relevante, haja vista seu estatuto de aprofundamento de análise histórica e de contexto de produção.

Referências Bibliográficas

ALLOCINE. **Prix et nominations:** César 1994. Disponível em: <<http://www.allocine.fr/festivals/festival-128/edition-18353029/palmares/>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

CARVALHO, Rodrigo Janoni. *Émile Zola e o naturalismo literário*. Maringá: **Revista Urutágua**, n. 24, mai./ago. de 2011, p. 105-118.



CINEMATECA FRANCESA. **Claude Berri**. Disponível em: <<http://cinema.encyclopedie.personnalites.bifi.fr/index.php?pk=9536>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O Manifesto do Partido Comunista**. Londres: Verso Books, 1848.

GERMINAL. Direção: Claude Berri. [S.l.]: Renn Productions; France 2 Cinéma; DD Productions; Nuova Artisti Associati, 1993. 1 DVD (160 min).

WIKIPÉDIA. **Verbetes Émile Zola**. Seção *Germinal*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Zola>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

Zola, Émile. **Do romance**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. **Germinal**. Tradução Francisco Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2007 [1885].

_____. **J'accuse...! Lettre au Président de la République**. (Eu acuso...! Carta ao Presidente da República). Disponível em: <<https://criminocorpus.org/fr/bibliotheque/doc/258/>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.